**PESQUISA-FORMAÇÃO EM *FAKE NEWS*:**

**PÓS-VERDADE E EDUCAÇÃO CRÍTICA**

**Lucinalva de Almeida Silva[[1]](#footnote-1)**

**Marcelo Silva de Souza Ribeiro[[2]](#footnote-2)**

**RESUMO**

Pensar na formação docente em meio ao atual cenário informacional/midiático, no qual a desinformação e a *infodemia* de *fake news* têm ganhado visibilidade em diferentes redes e mídias, direciona-nos a refletir a respeito dos desdobramentos das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) no campo educacional e, no que concerne a propagação e disseminação de informações que circulam na rede-internet. Este trabalho é um recorte de pesquisa de Mestrado, no qual objetiva avaliar as pertinências dos saberes docentes, com foco na práxis pedagógica acerca da capacidade de desenvolver seu senso crítico e dos discentes em tempos de pós-verdade. Embasamo-nos na concepção crítica, humanística e participativa de Freire. Com abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-formação, utilizamos o diário reflexivo e a entrevista coletiva para a construção de dados, tendo no campo da investigação professoras do Ensino Fundamental no município de Afrânio-PE. As produções de conhecimento denotam a necessidade de se promover uma ação formativa permanente, de modo a fomentar o método dialógico Freiriano, no combate à desinformação e proliferação de *fake news*, emancipando o indivíduo, valorizando a escuta de professores e discentes, num contexto colaborativo atravessado pelos processos formativos.

**Palavras-chave:** Desinformação; Educação crítica; *Fake news*; *Infodemia*; Pesquisa - formação.

**ABSTRACT**

Thinking about teacher education in the current informational / media scenario, in which the misinformation and fake news infodemic have gained visibility in different networks and media, directs us to reflect on the developments of Communication and Information Technologies (ICTs) in the educational field and, with regard to the propagation and dissemination of information that circulates on the internet-network. This work is an excerpt of Master's research, in which it aims to evaluate the pertinence of teaching knowledge, focusing on pedagogical praxis about the ability to develop their critical sense and in students in post-truth times. We are based on Freire's critical, humanistic and participatory conception. With a qualitative approach, of the research-training type, we used the reflective diary and the collective interview to build data, having in the field of research teachers of Elementary School in the municipality of Afrânio-PE. Knowledge productions denote the need to promote a permanent training action, in order to foster the Freirian dialogical method, in combating the misinformation and proliferation of fake news, emancipating the individual, valuing the listening of teachers and students, in a collaborative context through training processes.

**Key-words:** Disinformation; Critical education; *Fake news*; Infodemic; Research - training.

**Introdução**

A formação docente no atual cenário de desinformação e *infodemia* de *fake news* remete-nos aos desdobramentos das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs), sobretudo no campo educacional e no que concerne a propagação e disseminação de informações que circulam na rede – internet. A chamada “sociedade em rede”, nos ambientes educacionais ou não, provoca desafios na contemporaneidade no que se refere ao discernimento de informações que se sobrepõem instantaneamente. Assim, este trabalho, é um recorte da pesquisa em andamento para dissertação de Mestrado em Educação da Universidade de Pernambuco (UPE) que aborda a influência que o ecossistema da *fake news* tem exercido na esfera educacional, e do pouco conhecimento que os indivíduos têm acerca do manuseio e verificação das notícias oriundas de ambientes virtuais educacionais e não educacionais, ocasionando sua rápida disseminação propiciada pela explosão e abrangência das plataformas, resultado das transformações tecnológicas a que essa era nos põe.

Não obstante a isso, o polo massivo jornalístico produtor de notícias , deixa sua concentração, descentralizando-se popularmente, tornando qualquer um de nós produtor de notícia. Com este panorama, a pesquisa objetiva compreender os processos formativos, no contexto de uma pesquisa-formação para professoras, a respeito do desenvolvimento de estratégias para lidar, em sala de aula, com as informações disponibilizadas na internet. Para isso, consideramos relevante buscar direcionamentos para a seguinte questão norteadora: De que maneira as professoras lidam com a *fake news* e a desinformação em sala de aula?Essa questão emergiu por considerar que os/as professores/as são os/as protagonistas fundamentais para a inserção, efetivação e mediação do conhecimento crítico e consciente, através da aprendizagem em sala de aula.

Este é um contexto realmente novo. Os processos educativos com foco na criticidade nos apontam o caminho, que seria o mais apropriado para a convivência harmônica nos espaços midiáticos, sobretudo quando permeados intensamente pela emoção e polarizações, obliterando a consciência, a responsabilidade e empatia.

Em função disso, é primordial conhecer os desafios e perspectivas, isto é, como professores/as desenvolvem saberes e estratégias de ensino neste contexto de *fake news* e pós-verdade na sala de aula. Ademais, é fundamental que sejam avaliadas as pertinências dos saberes e das estratégias utilizadas por eles/elas nas suas práticas, entendendo a dimensão do processo formativo no que diz respeito ao desenvolvimento profissional.

Reitera-se, desse modo, a importância desse estudo, frente à utilização indevida das notícias veiculadas a internet, as chamadas *fake news* ea desinformação na “era da pós-verdade”. Apresenta-se necessário, no que tange ao desenvolvimento do estudante por meio das habilidades cognitivas, analisar conteúdos que recebe no seu dia a dia, em suas relações midiáticas, como estratégia de defesa e de tomada de consciência e pertencimento, exercitando a empatia e a qualificação saudável na comunicação.

Para tanto, fizemos um recorte de uma pesquisa maior, aprovada pelo Comitê de Ética UPE com o CAAE 16405019.5.0000.5191. Utilizamos a abordagem qualitativa, de caráter crítico, do tipo pesquisa-ação, mais propriamente pesquisa-formação. O campo da investigação corresponde a seis escolas, dos anos finais - Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Afrânio – PE, com um grupo de doze professoras. Como instrumentos de produção e colheita de dados, destacamos para este recorte: o diário reflexivo e a entrevista coletiva. Elegemos um dos encontros realizados, sobre os eixos: estratégias para identificação de *fake* *news* enavegação segura na e pelas mídias, e cinco das docentes de duas das escolas participantes, para a realização deste escrito. As produções de conhecimento trazem a análise construída a partir da concepção crítica elencada por Freire (1997).

Embasamo-nos em uma perspectiva crítica que dialoga com, D’Ancona (2018), Ferrari (2019), Lévy (1999), Santaella (2018), Tardif (2010), Freire (1996; 1997; 2005)e documentos oficiais como Brasil (2017).

Este estudo, foi estruturado da maneira que segue: *fake news* e pós-verdade no âmbito educacional, *fake news*: tecnologia e formação docente, dimensão e impacto da *fake news* no debate público, em seguida, a empatia no processo de combate a *fake news*, logo após, percursos metodológicos e construção partilhada e, por fim, as considerações.

***Fake news* e pós-verdade no âmbito educacional**

É de suma importância rememorar o final da década de 1960, no qual “o mundo via um grupo de ativistas e câmeras portáteis com potencial para a TV a cabo, que se propunham a registrar as injustiças e contestar direitos” (MOROZOV, 2018, p. 13). O momento prometia inúmeras realizações, em que cidadãos teriam acesso à tecnologia, podendo produzir seus próprios programas e dessa maneira torná-los públicos. A sociedade da informação se anunciava.

Essa possibilidade de produzir informações, acompanhada da disseminação em massa por vários pontos de compartilhamento, criou a chamada sociedade em rede (CASTELLS, 1999). Paralelamente, o controle sobre a falsificação e plágio, aliado a disseminação de (in) verdades, caracteriza a “era da pós-verdade”, passando a ser ineficiente via os antigos dispositivos institucionais. Conforme elucida D’Ancona (2018, p. 45), “a pós-verdade desponta nesse viés, quando os *firewalls* e os anticorpos se enfraqueceram, trazendo à luz seu fracasso e decadência”. Isto posto, corrobora com a expansão coordenada de estratégias midiáticas, por vezes, traz a dúvida, causando confusão e representação de um conflito imaginário proposital.

A chamada “pós-verdade” já era declarada pelos avanços tecnológicos datados entre os anos 1970 e 1980 e sua expansão desenfreada ganhou fôlego com o supracitado acontecimento. Tal apontamento nos remete ao que é posto por (BAUDRILLARD, 2001, p. 60), “na visão comum o meio virtual é utilizado por aqueles que estão governando a fim de influenciar, seduzir e alienar as massas” via as tecnologias, em virtude do uso pretencioso carregado de sutilidade, trazendo assim à evidência, uma luta de classes e, consigo uma hipótese que também evidencia o contrário.

Logo, hipóteses levantadas pelo autor Baudrillard são consideradas e sua interpretação reverbera o que se apresenta atualmente, de um lado, a grande massa compartilha exacerbadamente informações vinculadas às mídias preferidas sem a responsabilidade crítica da verificação, e do outro, aqueles que estão ocupando cargos políticos acreditam de maneira sutil manipular as massas, com o intuito de persuadir e confundir, o que atualmente se configura com maior exatidão e tende a se expandir mais fortemente com as *deep fakes (*combinação das palavras “falso” e “profundo”) pelas redes.

“A rede é a marca do social em nosso tempo, estamos engendrados por uma composição comunicativa, sociotécnica, que se atualiza a cada relação e conexão que estabelecemos em qualquer ponto dessa grande rede” (SANTOS, 2019, p. 66). A reconfiguração em que a sociedade da informação atravessa, traz alusões complexas, nelas sinais contraditórios atentam as crenças e emoções de cidadãos comuns, dualizando entre oportunidades e riscos, ratificando a perspectiva multifacetada. Canais são inundados por todo tipo de informação, a todo momento, prevalecendo “sirva-se quem precisar e do que precisar”, e “faça de mim o uso que entender” (ALARCÃO, 2010, p.14).

Entendemos que saber lidar com as *fake news* é algo necessário e pode estar nas propostas pedagógicas dos contextos escolares. Alguns *sites* de *fact checking[[3]](#footnote-3)* e outros veículos comprometidos com a verdade, a exemplo, dão dicas e apontam ações que podem ser incorporadas às práticas docentes:

* (a) olhar com atenção e atentar para a confiabilidade das fontes;
* (b) ir além das chamadas e reconhecer sinais de sensacionalismo;
* (c) procurar por outras fontes;
* (d) verificar os fatos, sua data de publicação;
* (e) conferir se o conteúdo afeta seus preconceitos;
* (f) reconhecer quando se trata de brincadeira e conferir se vem de

uma fonte piadista. (SANTAELLA, 2018, p.40)

É notório que a lista de conselhos apresentados pela autora trará mais segurança ao usuário da rede, visto que se evidencia o desenvolvimento crítico social do indivíduo, propiciando o fortalecimento dos desafios enfrentados para o combate eficaz ao efeito das notícias falsas com maior precisão. Com isso, nesse cenário tão presente, o qual o alvo é a enganação, por meio da desinformação, é preciso exercitar o senso crítico e investigativo diante das informações compartilhadas.

***Fake news*: tecnologia e formação docente**

O mundo vem se transformando, constante e continuamente, à medida que também surgem novas tecnologias da informação e da comunicação. No entanto, esses avanços não ocorrem na mesma velocidade no contexto escolar, reverberando um processo educativo paulatino meio ao rápido desenvolvimento das TICs, um desafio para o professor.

A rapidez das inovações tecnológicas nem sempre correspondem à capacitação dos professores para a sua utilização e aplicação, o que muitas vezes, resulta no uso inadequado ou na falta de criação diante dos recursos tecnológicos disponíveis, mas não tendo mais o monopólio da transmissão de conhecimentos, exige-se à escola e ao professor, em particular, a função social de orientar os percursos individuais no saber e contribuir para o desenvolvimento de competências, habilidades e cidadania. (SOUZA, 2011, p.24)

Conforme elucida Souza (2011), a falta de capacitação impede que o docente desenvolva um trabalho adequado de conscientização e formação crítica do educando, frente a realidade das inovações tecnológicas, que tem alcançado cada vez mais pessoas no mundo, numa velocidade estrondosa. Ademais, acrescenta que além da falta de formação, há ainda a diversidade de níveis, de professores e educandos, pois segundo ele, existe uma multiplicidade de alunos e professores nas instituições educacionais no país e no mundo (VOLPAT et al., 2019).

A diversidade de níveis apresentada por Volpat et al (2019) evidencia o desafio proposto ao professor contemporâneo, impulsionando-o a clamar por formação em atividade docente, de modo a oferecer-lhe suporte suficiente, dando-lhe condições de esclarecer, informar e acompanhar este novo tempo, numa configuração voltada as mudanças constantes a que as tecnologias dessa era nos propõe, uma vez que, as aulas tradicionais já não dão mais conta de atender as demandas dos discentes nativos digitais, que chegam a escola, ávidos por conhecimentos intrinsecamente relacionados as plataformas virtuais, relacionando-se a sua vivência cotidiana.

Formar educandos aptos a pensar criticamente, realizar leituras, interpretar clara e concisamente é a função social da escola. Para Freire (2005), o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizando ambos pela realidade, na intercomunicação. Por isso, o pensar daquele, não pode ser um pensar para estes, nem a estes impostos, a função da escola é potencializar, enquanto fomentadora do conhecimento, não sendo passível de esvaziamento por absoluto, e nem tampouco atinge sua totalidade. Logo, a aprendizagem é constante, se legitimando nos processos educacionais e das vivências experienciais.

No entanto, na conjuntura atual, trata-se de algo ainda mais complexo, pois o sistema da *fake news* perpassa uma mentira, uma calúnia ou falácia inserida das plataformas, até mesmo no boca a boca, funciona como um mundo obscuro, minimamente arquitetado para impedir que vejamos à luz das ideias, da verdade, para nos manter limitados a uma análise completa dos fatos, esse mundo é definido por Ferrari (2019) como “era da *fake news*” ou era da “*pós-verdade*”, das bolhas da pós-verdade.

Nesta constante, reconfigura-se um mundo automatizado, em exponencial ascensão, a exemplo: em 30 de abril de 2020, a *infodemia[[4]](#footnote-4)* de *fake news*, “caixões vazios”, rendeu 1,9 mil compartilhamentos (LEMOS, 2020). As imagens continham caixões vazios e abertos que segundo a Agência Lupa, especializada em *fact checking*, uma das imagens tinha sido feita há mais de dois anos, e a outra em 2015, sem nenhuma relação com o contexto de pandemia. Com isso, o intuito era descaracterizar os dados oficiais divulgados diariamente pelo Ministério da Saúde, inflando a população ao pânico e relaxamento do isolamento social, que seria, segundo a Organização Mundial de Saúde, a medida mais eficaz para diminuir a circulação do vírus. A notícia foi associada às cidades de Manaus e São Paulo. Casos como este fortalecem a narrativa perpetrada pelos produtores de *fake news* e negacionistas, emplacando uma narrativa que reforça a retórica do pensamento de colmeia/*bot* (*robô*), de que tantas mortes não são por Covid-19.

É importante trazermos aqui o significado do termo “*pós-verdade[[5]](#footnote-5)*”, que também de acordo com Ferrari (2019), depois das (para alguns surpreendentes) vitórias de Trump nas eleições dos Estados Unidos e do plebiscito Brexit, saída do Reino Unido da União Europeia, campanhas vencidas graças aos consecutivos disparos de *fake news* em massa, as quais soaram verdadeiras, ambas em 2016. E que, posteriormente teria acontecido aqui no Brasil, nas eleições de 2018, fato mencionado pelo Documentário Privacidade Hackeada/Netflix. O qual trata do repasse ilegal de 87 milhões de dados pessoais de usuários a Cambridge Analytica feito pelo *Facebook,* elencando, muito além destes, outros fatos.

Karnal (2020), aponta que a manipulação de dados que resultou na vitória de Trump, nos EUA em 2016, e as informações deturpadas no processo de votação do Brexit, tidos como marco da *fake news* na atualidade, dão-nos conta que as sociedades democráticas estão ameaçadas. Todo esse movimento, transparece intencionar a obliteração da liberdade de ser diferente, sinalizando construir um novo homem, um novo ser, inteiramente adaptado a navegação, moldado para esse novo procedimento: você é por navegar, é por comprar na internet, é por emitir opiniões. Neste embrolho, os algoritmos, robôs e os escritórios de *fake news* fazem parte de um sistema maior, no qual não se trata mais de propagar mentiras na internet, mas reduzir todos, inclusive os que tecem críticas a ela.

Nesta conjuntura, as mentiras são confundidas com verdades, impulsionando-nos a questionar cada fato, por mais simples que nos pareça. Ao passo que, é função da escola construir competências básicas privilegiando a criticidade, devendo, ensinar a discernir o conhecimento de manipulação. Desse modo, os discentes se constituirão aptos para navegar nas plataformas, nas quais a desinformação opera de maneira sutil e ao mesmo tempo feroz.

Nesse mesmo sentido, Leite (2019) destaca que a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva, democrática, solidária e sustentável perpassa pela prática de uma educação emancipadora e antirracista. O autor ainda enfatiza que uma educação emancipadora, política e antirracista que combate a *fake news* precisa começar desde a infância. É impossível combater a pós-verdade sem uma compreensão de suas raízes mais profundas (D’ANCONA, 2018). Por isso, Freire destaca a importância desta preparação desde a infância. Os autores colocam a necessidade da construção de sujeitos políticos prontos para conviver com essa realidade, sabendo dialogar, analisar e questionar, até mesmo a própria realidade.

Sabe-se que a *fake news* não é recente, já existia muito antes da internet. Presente na política desde a França no século XVIII, em Roma, até hoje, com o objetivo de destruir reputações, projetos de poder e impedir que alguém exerça cargo eletivo sem pertencer a grupos hegemônicos. Atualmente, devido ao desenvolvimento das tecnologias da comunicação e informação, seu alcance e impactos são muito maiores, tornando-se um desafio para os professores na formação do educando.

Um fenômeno que tem gerado amplo debate na sociedade sobre o poder das redes midiáticas de informação e comunicação são as chamadas *fake news* ou “*notícias falsas*”. Um tipo de subproduto da comunicação de massa que não é novo, mas que se multiplica vertiginosamente nos meios digitais, contaminando e comprometendo processos de informação e de formação dos indivíduos para a cidadania e para a democracia. Deformidades do pensamento e da comunicação humana que culminam em prejuízos de toda ordem, para pessoas, instituições, comunidades, no desenvolvimento de uma sociedade mais lúcida, consciente, ética e comprometida com um desenvolvimento sustentável. (LEITE, 2019, p.13)

A internet facilita a produção de diversos conteúdos, sobre os mais variados assuntos, das mais diversas áreas de abrangência e são difundidos e reproduzidos por pessoas, empresas, políticos, movimentos sociais, organizações e instituições. Muitas dessas informações são manipuladas, visando desdobramentos, em determinados contextos, construindo assim não saberes e desinformação, e estas são compartilhadas sem o cuidado ou rigor da checagem, uma vez espalhadas, essas notícias falsas tornam-se difíceis de ser erradicadas, e a partir delas, opiniões são formadas e a realidade deturpada, dando origem a negação de fatos históricos e até da ciência, a qual vem sendo contestada e diluída, vítima do ecossistema da pós-verdade.

Dessa forma o mundo, ao invés de ser representado, passa a ser experienciado e atuado. Este cenário desvela a consciência do risco da experiência num século soterrado pela pós-verdade, no qual os desejos falam mais alto do que os fatos. (FERRARI, 2019, p.83)

Esta consciência ascende o papel da escola, formar cidadãos conscientes, porém se esbarra na insipiência de formação dos docentes, para que estes estejam habilitados a desempenhar seu papel de preparar cidadãos conscientes, devem ter acesso a formação continuada, calcada no aspecto crítico, colaborativo, em relação a utilização das TICs no processo formacional do educando.

Os ambientes virtuais de comunicação carregam as mesmas contradições das relações sociais que estabelecemos presencialmente, com suas manipulações ideológicas, interesses comerciais, defesa de hegemonias culturais, filtragens desconhecidas, entre tantos outros. Além disto, vivemos uma avalanche informacional, que soterra e oclusa as nossas possibilidades de interpretação da própria realidade. O que supomos, então, é que, mais do que nunca, precisamos formar cidadãos capazes de estabelecer uma relação crítica com as TICs e todas as espécies de discurso, de diálogo, de interação, de proposição, incluindo as *fake news*, as pós-verdades, as manipulações, as ideologias de toda ordem, que nascem desta rede. (LEITE, 2019, p.16)

Os conteúdos que circulam pelas redes, muitas vezes são tendenciosos e carregados de dominação ideológica e têm alcançado cada vez mais pessoas, devido aos avanços das tecnologias, se tornando um poderoso instrumento de manipulação política, ideológica e social contra a qual temos que lutar, oferecendo uma formação adequada para os nossos educandos, intentando torná-los aptos a realização de análise concisa e de leitura crítica no meio que os insere e nas relações líquidas, potencializando uma postura responsável e pacífica na rede de internet.

Leite (2019), reforça que o caminho de combate ao sistema de desinformação gerado pela *fake news* deve acontecer pela formação crítica do cidadão, levando questionamentos para cada tema gerador, instigando proposições em relação aos mesmos. Por quê? A favor de quê? Para quem? A favor de quem? Contra o quê? Contra quem? Se respondidas em um círculo de cultura que elencasse as *fake news* como pauta, a tão necessária Alfabetização Midiática Informacional ocorreria de forma natural, dialógica e significativa para os educandos, se constituindo um novo aprendizado.

Consistentes e desapressadas experimentações e debates, em ponderações a mais das vezes otimistas, ancoradas na apropriação dos mecanismos de defesa aconteceriam instantaneamente para cada um, já com o reconhecimento de suas dicotomias. Isto certamente garantiria que esta formação não fosse apenas uma instrumentalização, para competências exigidas por um mercado, mas para libertação, autonomia e pensamento crítico dos indivíduos sobre esse novo mundo tecnologicamente globalizado.

Para que isso ocorra, é necessário que a criticidade seja inicialmente prática constante na didática experienciada dos professores, assim evitamos que estes contribuam com a desinformação, sendo a formação em atividade o limiar para os professores utilizarem as TICs de forma cuidadosa e consciente, haja vista que os princípios nos ajudam a enfrentar esse ecossistema de desinformação, para que nós também não sejamos agentes de disseminação, a contribuir com esse ambiente de mentiras e de enganação, e, muitas vezes, de ódio (LEITE, 2019).

**Dimensão e impacto da *fake news* no debate público**

Pensar na última década, remete-nos a aferir o gigantesco salto dado pela tecnologia da informação e comunicação. Sua difusão vai além de blogs, vlogs[[6]](#footnote-6), e de uma diversidade de páginas nas plataformas, que se sobrepõe em demasiado na busca por monetização. Em tempo, surge velozmente a produção e propagação de notícias falsas e desinformação. Tudo isso veio a desembocar em um oceano de ondas, as chamadas “bolhas de pós-verdade” (FERRARI, 2019).

Essa onda de notícia falsa, chamada *fake news* atinge diversos setores, porém, no campo da política ganha proporções agigantadas, evidenciadas pela disputa de poder, em que tudo aparenta ser um jogo marcado, totalmente desprovido de filtros éticos, altamente inflamáveis. A tecnologia passou a ser utilizada também para este fim, disseminar *fake news*, quando deveria ser um meio para esclarecimento e emancipação do cidadão. Logo, “a tecnologia não se apresenta como boa ou ruim nela mesma, ela não seria culpada pelos usos que os humanos lhe deram”. (SEGATA e THEOPHILOS, 2016), uma vez que, a *fake news* existia bem antes da internet.

Segundo Leite (2019), isso ocorre em virtude dos esforços do mundo capitalista em tornar os artefatos tecnológicos e as redes de comunicação cada vez mais acessíveis, até para manter sua margem de lucratividade maior, vislumbrando um cenário em que haja, de fato, acesso amplo e irrestrito. Transformando, um meio que devia ser útil para o esclarecimento das classes menos favorecidas, no combate às desigualdades sociais, às manipulações culturais e ideológicas em uma ferramenta de desserviço com a manipulação da verdade e alienação social.

O campo da política mira a *fake news*, pois através dela se influencia intencionalmente. Freire (1996) reforça categoricamente, a necessária promoção da ingenuidade, em que à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. O debate público se constitui polarizado nas redes, se tornando extremamente violento nesta nova configuração societal, marcado pelo embate da mentira contra a verdade, ou da verdade posta e validada por opiniões e crenças, diluindo a verdade comprovada cientificamente.

Nas plataformas ou aplicativos instantâneos de mensagem, há aqueles que impensadamente ou até ingenuamente compartilham e reproduzem informações falsas, e aqueles que produzem voluntariamente e pretensiosamente notícias e informações falsas com objetivo claramente escuso. Nesse sentido, enfatiza a autora:

É preciso, contudo, diferenciar as árvores da floresta. E elas são, de fato, extremamente diversificadas, quando se trata de postagem e compartilhamento nas redes, que vão da ingenuidade, leviandade, pressa e informação distorcida, até a enganação deliberada e a mentira deslavada com a intensão de defender interesses e atingir resultados espúrios. (FERRARI, 2019, p. 25)

E neste ambiente fervilhando de mentiras, no jogo repulsivo pelo controle do poder, agora também caracterizado pela descrença nas instituições públicas e de pesquisa. Uma tentativa de controle da opinião pública se desenha, o debate público se desgasta, à medida que as informações inverídicas e agressivas se potencializam, há o fortalecimento e manutenção do poder de determinados grupos hegemônicos. Para D’Ancona (2018), se a política é a guerra por outros meios, o mesmo ocorre em relação à informação.

O debate público polarizado se desenha como uma guerra entre o bem e o mal, entre a verdade e a mentira. Mas o que é a verdade? Para Karnal (2020) não existe a verdade suprema, há milênios pensadores se perguntam o que é a verdade, e essa pergunta foi feita por Pilatos a Jesus, que não deu resposta. Podemos então dizer que a busca pela verdade é incessante, mas também, que sempre esteve ameaçada. Em tempo, Karnal (2020) enuncia que a mentira é parte da história da humanidade, é a manipulação da verdade, ou falseamento dela, com algum objetivo de ganho pessoal e que, quase todas as épocas conviveram com mentiras. A mentira pública é um exercício de poder e construir uma mentira para destruir a reputação de alguém, é uma estratégia de controle. D’Ancona (2018) complementa dizendo que a subversão da verdade como um ideal alcançável é tão antiga quanto à filosofia.

Como pensar de forma otimista no enfrentamento a *fake news* que cresce nas bolhas de pós-verdade? Uma vez que, a sobrecarga das informações não deve diminuir. É preciso preparar-se para dirimi-las, a partir do trato e debate ético, da responsabilização, e construção do diálogo tolerante. Pois segundo (D’ANCONA, 2018, p. 100):

A pós-verdade é uma tendência, profundamente alarmante. Mas não é um ponto final. Aqueles desanimados com essa virada incorreta precisam se reerguer e contra-atacar. A pior resposta possível é a passividade muda. O melhor é identificar e adotar aquelas medidas práticas que vão defender a verdade de seus antagonistas, realçar seu valor e assegurar sua centralidade em um contexto social e tecnológico radicalmente transformado.

Estas possibilidades transformativas, vão ao encontro das ideias de Freire, quando destaca a importância da educação e da capacitação dos professores, essencialmente importante ao processo de confronto a que a pós-verdade nos desafia.

Para o patrono da educação brasileira, a formação permanente é momento indispensável a construção das práticas, revivendo contextos e destes, por meio da reflexão analisar e aproximá-la da realidade.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. (FREIRE, 1996, p.18)

Corroborando com esse pensamento D’Ancona (2018) explica:

A sobrecarga de informações significa que todos nós devemos nos tornar editores: filtrar, checar e avaliar o que lemos. Da mesma forma que crianças são ensinadas a como entender textos impressos, suas faculdades críticas devem ser treinadas para enfrentar os desafios muito diferentes de um feed digital. Que selo de qualidade, caso exista, recomenda um post ou site específico como fonte confiável? As recomendações sugeridas são apoiadas por links, notas de roda pé ou dados convincentes? A tendência de alguns professores de tratarem a internet como fonte de segunda categoria não percebe o sentido exato da questão. Para a geração agora na escola, e aqueles que vão chegar, é única fonte significativa. (D’ANCONA, 2018, p.101)

Como já mencionado, a pós-verdade não é algo passageiro ou que desaparecerá com o tempo, pelo menos não há indícios, ela faz parte da realidade e, é circunstancial nos prepararmos para conviver e enfrentar esses desafios sem nos afastar dos valores éticos e morais inerentes a nossa formação humana. É preciso investir tanto numa perspectiva educacional de formar sujeitos capazes de uma autonomia moral e epistemológica, quanto na humanização destes sujeitos, através da construção e manutenção de seus valores.

Nossa própria era da pós-verdade é uma amostra do que acontece quando uma sociedade afrouxa em sua defesa de valores que sustentam sua coesão, ordem e progresso: os valores da verdade, honestidade e responsabilização. Esses valores não são autossustentáveis. Sua manutenção é produto da decisão, ação e colaboração do ser humano. (D’ANCONA, 2018, p. 100)

O debate público não pode ter por base mentiras arquitetadas por grupos de poderes, ou influenciado por falsas verdades, a fim de beneficiar grupos hegemônicos enraizados no poder. O direito a verdade, ao conhecimento factual não pode ser cerceado em prol de um projeto de poder antidemocrático. O debate público deve se basear em dados e fatos comprovados, não em preferencias ideológicas, mascaradas por interesses de alguns setores ou mera negligencia ou superficialidade (CHEQUEADO apud FERRARI , 2019).

**A empatia no processo de combate a *fake news***

Como já discutido a atividade de emancipação do sujeito é o caminho para enfrentar a imensa quantidade de desinformação que circula nas plataformas, destruindo vidas e a democracia. Essa emancipação e formação crítica dos indivíduos deve se dar como base no método dialógico defendido pela pedagogia de Freire, baseada no diálogo e no afeto, que segundo Freire (2005):

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não, porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. (FREIRE, 2005. p.51)

Para Freire, não há diálogo sem amor, nem tampouco a transformação sem diálogo. É o amor, a empatia pelo outro que resultará na luta pela libertação e transformação do indivíduo, na qual estão envolvidos docentes e discentes. A empatia deve ser instigada por meio do processo educacional e da comunicação consciente, buscando chamar a reflexão para a importância da utilização correta das ferramentas tecnológicas de que dispomos.

O reto caminho exige perseverança, pois não é um processo fácil. A prática diária da gratidão pelo ar, pelo acordar de manhã, pelo alimento, pelo trabalho, começa a virar um hábito divertido. Você percebe o quanto é narcisista e começa a ter compaixão pelo outro ser: uma planta, um gato ou a pessoa do outro lado no ônibus lotado. Começa a dar bom dia na rua para estranhos, pois, afinal, ele faz parte da mesma família de 7 bilhões de encarnados do planeta. Com essa filosofia, você vai começar a pensar dez vezes antes de compartilhar *fake news* (...). Vai aprender a se colocar no lugar do outro. (FERRARI, 2019, p. 38)

Estimular as boas ações, inspirar a empatia faz parte da formação do desenvolvimento intelectual do sujeito na preparação para erradicar a *fake news*, para que a prática da empatia vivenciada no ambiente escolar seja estendida, propagada em ambientes externos e nas plataformas, primando pela tolerância e respeito ao outro. Assim, além da formação crítica e ética do indivíduo, leva estes a praticar e defender a verdade, a viver em constante vigilância, questionando e duvidando sempre, em prol do bem comum.

**Percursos metodológicos**

Este estudo é um recorte de pesquisa maior em andamento no município de Afrânio PE – Ensino Fundamental - nos anos finais. Para tanto, elegemos o segundo encontro e cinco docentes de duas das escolas participantes. As professoras foram informadas do objetivo da pesquisa e aceitaram participar, desde que fosse mantido o anonimato de suas identidades. Assim, foi realizada a seguinte codificação para as professoras participantes: Comunicação, Consciente, News, Plataforma e Virtual.

Assumindo a abordagem qualitativa, partimos do entendimento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real, o participante e uma relação de familiarização com o pesquisador.

Há necessariamente na pesquisa qualitativa o desenvolvimento de meios descritivos que favorecem a apreensão das qualidades dos conjuntos-objetos fenomenais investigados. Tais meios são essencialmente lingüísticos e só podem atualizar-se através de sistemas gramaticais completos em sua finitude moduladora e gerativa. Daí a grande diversidade de meios e técnicas que caracteriza a pulverização epistemológica das pesquisas qualitativas. (MACEDO; GALEFFI; PIMENTEL, 2009, p.33)

Pautado nessa concepção de constructos norteadores da pesquisa, propomos compreender as qualidades, valores e saberes que caracterizam a identidade das participantes da pesquisa, bem como colher o que há de melhor no interior das mesmas.

Tivemos como referência metodológica a pesquisa-formação/pesquisa-ação, corroborando no contexto do estudo para o “desenvolvimento crítico social do corpo docente a fim de fortalecer ações pedagógicas proeminentes capazes de instigar o conhecimento teórico tão necessário para a construção do campo profissional e intelectual (IBIAPINA, 2008, p.55).

**Construção partilhada**

Durante o encontro de realização da pesquisa-formação, as professoras participantes relataram que apesar das mesmas ouvirem bastante, em seu cotidiano a expressão *fake news,* possuíam certo conhecimento a respeito, mas não discerniam claramente tais informações.

|  |  |
| --- | --- |
| PARTICIPANTES | **RECORTES DAS ENTREVISTAS COLETIVAS/DIÁRIOS REFLEXIVOS** |
| Comunicação | [...] Não tinha conhecimento aprofundado sobre o tema, o qual foi necessário ler, para poder contribuir na construção do meu saber e na prática com meus discentes. (ENTREVISTA) |
| Consciente | [...] O pouco que sabia sobre *fake news* era bem superficial, o projeto de pesquisa-formação me atentou para a relevância do tema, buscando leituras, ampliando minhas fontes de consumo diário de informação.  (DIÁRIO) |
| News | [...] *Fake news,* um tema bastante comentado nos meios de comunicação, mas pouco divulgado/comentado e explorado nas escolas.  (DIÁRIO) |
| Plataforma | Pude perceber a importância desse projeto para a ressignificação do ensino voltado para a educação midiática de maneira interdisciplinar.  (ENTREVISTA) |
| Virtual | Fiquei mais atenta quanto as propagandas de lojas com preços muito baixo nas plataformas, estamos vulneráveis a golpistas. (ENTREVISTA). |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao analisarmos o quadro, percebemos que as docentes Comunicação, Consciente, News, Plataforma e Virtual abordam a temática de maneira abrangente, no que tange a sua relação com os ambientes virtuais de modo a diagnosticar o seu poder de convencimento e de alcance; descrevem ainda, o que têm percebido nos últimos anos, destacando a importância da temática, na qual refletiram sobre a educação midiática e transparecer a insipiência formacional continuada no campo da *fake news* a que estão expostas nos processos educativos. É papel “da escola, dos docentes, desde muito cedo desenvolver nas crianças e adolescentes a devida educação para as mídias e nas mídias” (SANTAELLA, 2018, p.26).

Nesse sentido, nota-se que há uma preocupação por parte das professoras, que perceberam as mudanças ocorridas com o avanço das tecnologias. Evidenciaram a importância da formação para os professores acompanharem as mudanças que ocorrem constantemente nas TICs, de modo a prepará-los para a formação dos discentes.

Na convicção de Ferrari (2019), somente a educação vai construir um exército de checadores. Para além de uma atividade de formação, é preciso um processo de humanização ética, que deve acontecer através da educação.

**Considerações finais**

De maneira preliminar, este estudo denota primeiramente a necessidade de se promover uma ação formativa permanente para os professores com o propósito de mediar estratégias para verificação da idoneidade das informações advindas das mídias e combater à desinformação, fortalecendo a qualificação do diálogo por meio de práticas veiculadas a docência mediante a inserção da educação crítica e midiática, seguida da respectiva temática inserida no currículo escolar. Uma vez que, aguçar e incentivar a educação crítica e vivenciá-la seria o segundo passo, em busca da defesa primeira, pois é na escola que habilidades e competências, podem ser desenvolvidas, elevando o potencial investigador, de modo a instigar a análise de conteúdos em contextos diversos, levando em conta, inclusive, que a sociedade está se (re)configurando.

Considerando que não há um pêndulo que indique que a era da pós-verdade é passageira, devemos buscar opções de enfrentamento e defesa a fim de mitigar os efeitos da *fake news*, de acordo com os estudos realizados até aqui, a educação se constitui na única forma viável de contra-atacar o sistema de informações falsas, cuidadosamente organizado com objetivos de exercer o poder de forma violenta. Somente a educação crítica e transformadora, que possibilite o despertar da consciência humana, os valores morais e éticos, a preocupação com o coletivo poderá combater esse sistema corrupto de informações.

Em tempo, há muitos estudos a serem construídos nos contextos escolares, que façam frente ao fenômeno da *fake news* e pós-verdade, unindo educação crítica ao diálogo e empatia, emancipando o indivíduo. Essa emancipação e formação crítica dos indivíduos deve se dar com base no método dialógico Freiriano, valorizando a escuta de professores e discentes, num contexto colaborativo atravessado pelos processos formativos.

**Referência**

ALARCÃO, Izabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 7.ed.São Paulo: Cortez, 2010.

BAUDRLLARD, J. **A ilusão vital.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BRASIL. Ministéri da Educação. **Base Nacional Comum Curricular:** SEF, 2017. Disponível:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 16 de março de 2020.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

D’ ANCONA, M. **Pós-verdade.** 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

FERRARI, Pollyiana. **Como sair das bolhas**. - 1ª reimpr. - São Paulo: EDUC/Fortaleza: Armazém de Cultura, 2019.

LEITE, Ana Paula da Mota. A alfabetização midiática e informacional em tempos de fake news e o legado de Paulo Freire. In: PADILHA, Paulo Roberto,; ABREU, Janaina. (Org.). **Paulo Freire em tempos de fake news** **[livro eletrônico]:** artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 43.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d´.Água, 1997.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa:** investigação, formação e produção de conhecimentos.Brasília: Líber Livro editora, 2008. 136 p.

LEMOS, Vinicius. A farsa dos caixões vazios usados para minimizar mortes por covid-19. **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52584458>. Acesso em: 28 de maio, 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACEDO, Roberto Sidnei.; GALEFFI, Dante.; PIMENTEL, ÁLAMO. **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa**: educação e ciências antropossociais. Prefácio Remi Hess. Salvador: EDUFBA, 2009.

MOROZOV, E. **Big Tech:** a ascenção dos dados e a morte da política.São Paulo: Ubu Editora, 2018. 192 pp. **/** Coleção Exit.

NEWS Fake: **Na História e Hoje – Pasquinada.** Criadoe produzidoporLeandro Karnal, dezembro 2019, YouTube vídeo, duração (19:12). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=ekmmvqWHTYA&list=PLQBQEnFyYIPaqabPNA0f322SGGyYj6EAf&index=1> . Acesso em: 23/07/2020.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Na História e Hoje - Na Política, a verdade nasce morta.** Criadoe produzidoporLeandro Karnal, YouTube vídeo, duração (18:01). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=A9N4dXzkFyM&list=PLQBQEnFyYIPaqabPNA0f322SGGyYj6EAf&index=2>. Acesso em: 23/07/2020.

SANTAELLA, Lúcia. **A pós verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Terezina: EDUFPI, 2019.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: Editora Letradágua, 2016. 208p.

SOUSA, Robson Pequeno de. *et al*. **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 276 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VOLPATO, Arceloni. *et al*. **Educação líquida para um mundo fluido:** algumas reflexões (Recurso eletrônico). 1. ed. Florianópolis: Contexto Digital Tecnologia Educacional, 2019. 122 p.: il.; color**.**

1. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares PPGFPPI, na Universidade de Pernambuco, *Campus* Petrolina – PE. Professora da Educação Básica (AFRÂNIO - SANTA FILOMENA-PE). Integrante do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos e Práticas  em Pesquisa-Formação LEPPF – UNIVASF, integrado ao Grupo de Pesquisa em Currículo e Formação, vinculado (FORMACCE – UFBA) E-mail: lucinalvalmeidasilva@hotmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutor em Ciências da Educação pela Université du Quebec à Chicoutimi/ Université du Quebec à Montreal, Pós-doutor em Educação (UFBA). Professor adjunto da Universidade Federal do Vale do São Francisco, *Campus* Petrolina-PE, no colegiado e Mestrado de Psicologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares PPGFPPI/Mestrado em Educação, na Universidade de Pernambuco, *Campus* Petrolina – PE. Coordenador do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos e Práticas em Pesquisa-Formação LEPPF – UNIVASF, integrado ao Grupo de Pesquisa em Currículo e Formação, vinculado (FORMACCE – UFBA), editor responsável da Revista de Educação do Vale do São Francisco – REVASF. E-mail: [mribeiro27@gmail.com](mailto:mribeiro27@gmail.com). [↑](#footnote-ref-2)
3. A verificação de fatos ou verificação de informações ou ainda checagem é uma prática própria do jornalismo. Seu principal foco é detectar erros e desinformação, é parte principal do jornalismo investigativo. [↑](#footnote-ref-3)
4. A palavra aqui empregada foi cunhada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2020, e anuncia que vivemos uma epidemia de informações, e é comumente utilizada nesse contexto, estando relacionada ao exponencial de informações com todo tipo de interpretação sobre a Covid-19. [↑](#footnote-ref-4)
5. Oxford Dictionaries escolheu em 2016, “ pós-verdade” como sua palavra do ano, definindo-a como forma abreviada para “circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que apelos à emoção e a crença pessoal”. [↑](#footnote-ref-5)
6. Um tipo de blog em que sua produção de conteúdo é concentrada em vídeos. [↑](#footnote-ref-6)